



UNICAMP

DE ÍNDIOS A SEM-TERRA: VARIAÇÕES DA FORMA ACAMPAMENTO

Elis Fernanda Corrado

e-mail: ageelis@yahoo.com.br

Orientadora: Profa. Dra. Nashieli Rangel Loera

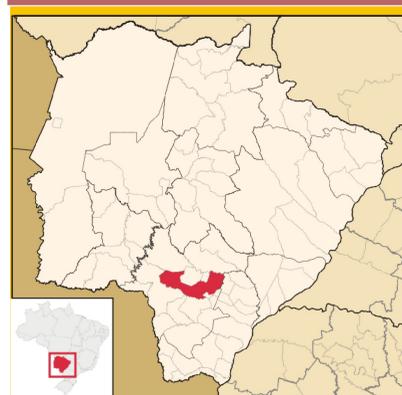
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

FAPESP - Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo

Acampamentos - Etnografia - Sem-Terra.



Introdução.



Dourados-MS.

Desde os anos 1990, a organização de ocupações de terra e montagem de acampamentos conhecidos como "de lona preta" se tornou uma das formas de demandar desapropriação e distribuição de terra ao Estado brasileiro. Essa forma de reivindicação ou de demanda coletiva tem sido associada, nos últimos 30 anos a trabalhadores rurais sem-terra, mas vem sendo adotada também por grupos indígenas para reivindicar terras consideradas por eles como ancestrais ou tradicionais. Esse é o caso de indígenas Kaiowá da região de Dourados, no Mato Grosso do Sul, estado com o maior número de acampamentos indígenas.

Os acampamentos "de lona preta" organizados por grupos indígenas apresentam-se como situações empíricas que perpassam modelos metodológicos pré-estabelecidos e abordagens tradicionais de campos de estudo que comumente foram pensados, desde a antropologia, como tradições de estudos distintas como os estudos rurais e etnologia indígena. A abordagem etnográfica nos permite indagar acerca da permeabilidade desses campos de estudo e descrever as características de novas formas de acampamento e a sociogênese de variações de um modelo de demanda social.

Metodologia.

Primeiramente foi realizado um levantamento bibliográfico de trabalhos ou etnografias recentes que tratam de temas afins ou que abordam temas transversais aos estudos rurais e etnologia indígena e que perpassem e colocam em discussão as supostas fronteiras entre esses campos. Foi realizado também um levantamento etnográfico em dois acampamentos organizados por índios Kaiowá na região de Dourados, no Mato Grosso do Sul: Apika'y e Ñu Porã, e foi realizada observação participante durante uma Aty Gassu (grande reunião de lideranças indígenas), assim como entrevistas com lideranças, com membros do Conselho Missionário Indigenista (CIMI) e com representantes da FUNAI e do Ministério Federal de Dourados. Os dados empíricos colhidos durante o trabalho de campo estão sendo confrontados à luz de bibliografia especializada.



Acampamento Apika'y.



Acampamento Ñu Porã.

Resultados e Discussões.

Indagando sobre a sociogênese das ocupações ou retomadas de terras indígenas, através de acampamentos de "lona preta", forma de demanda associada geralmente a trabalhadores rurais sem-terra, obtivemos informações de que lideranças indígenas tiveram contatos com lideranças de movimentos sem-terra nas décadas de 80 e 90 justamente no período em que se acentuaram os acampamentos indígenas, sendo igualmente o mesmo período em que o MST começou sua expansão a nível nacional.

As ocupações e acampamentos indígenas pesquisados apresentam características semelhantes àqueles organizados por sem-terra: são realizadas reuniões preliminares antes das ocupações acontecerem e são lideradas pela figura do cacique (liderança de uma parentela indígena e mediador em relação às demandas ao Estado), o cacique fala sobre a possibilidade da ocupação e das dificuldades que podem enfrentar, a liderança comunica sobre a retomada e busca apoio de outros indígenas e posteriormente comunica aos conselheiros da Aty Guassu. Essas reuniões podem ser comparadas com as "reuniões de frente de massa" entre trabalhadores rurais descritas por Macedo (2005) e Loera (2009).

As famílias que se instalam nos acampamentos também são mobilizadas de maneira bastante semelhante aos acampamentos sem-terra, apoiando-se em uma rede de parentes e conhecidos que se agregam aos acampamentos já existentes ou realizam novas ocupações. Por outro lado há também diferenças importantes em relação a outro tipo de ocupações indígenas, como é o caso daqueles localizados ao sul do estado de São Paulo. Em Dourados, os indígenas chamam de ocupação os acampamentos na beira da estrada, geralmente em frente das fazendas na qual identificam seus Tekohas, termo que remete à terra identificada como tradicional, de origem e cujo significado também está relacionado com uma idéia de lugar com determinado sistema de valores e onde é possível reproduzir o que eles chamam o nanke reko, o bom viver. Por outro lado, quando eles não acampam na beira da estrada, mas entram na propriedade, esse movimento é denominado como retomada.



Conclusões.



Os acampamentos "de lona preta" organizados por grupos indígenas é um fato social novo e que os estudos pautados apenas na etnologia indígena ou nos Estudos Rurais não ajudam a compreender. Assim, fica cada vez mais clara a necessidade de um diálogo entre eles, pois essas situações abordadas sob olhares e campos analíticos com fronteiras rígidas, não deixam visualizar a possibilidade de uma conexão entre eles, que podem se completar e abrir as fronteiras, contribuindo para uma compreensão mais rica da realidade observada.

Pesquisadores já chamaram atenção para os elementos simbólicos presentes nos acampamentos sem-terra. Nas ocupações indígenas não é diferente, a reafirmação do que eles chamam de "cultura" através das danças, dos cantos, dos artesanatos feitos, ou seja, dessa materialização da sua "cultura" são afirmações simbólicas que também funcionam como parte da linguagem de demanda.

Temos assim, no campo empírico, como relatado, situações que se assemelham tanto nos acampamentos indígenas, como nos acampamentos dos movimentos sem terra e que nos colocam a necessidade de questionar a rigidez das fronteiras entre etnologia indígena e os Estudos rurais. Considerar esse diálogo é a melhor maneira de entender essas novas formas de demanda coletiva e novos atores sociais aparecendo no universo rural e no universo indígena. Assim, o arcabouço teórico-metodológico pode nos ajudar a entender essas novas configurações sociais, como o caso dos acampamentos indígenas kaiowá.



Acampamento na beira da estrada.



Acampamento dentro da propriedade.

Referências bibliográficas.

- NIEMEYER, A. M. & GODOI, E. P. (orgs.). *Além dos territórios; para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos*. Campinas, Mercado das Letras, 1998.
- ROSA, Marcelo R. "A 'forma movimento' como modelo contemporâneo de ação coletiva rural no Brasil" In GRIMBERG, Mabel; ALVAREZ, M.I.F.
- SIGAUD, Lygia. *Lonas e Bandeiras em Terras Pernambucanas*; UFRJ, 2002.
- LUTTI, ALINE C. C. *Acampamentos indígenas e ocupações: novas modalidades de organização e territorialização entre os Guarani e Kaiowa no município de Dourados - MS: (1990-2009)*. 2009. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Grande Dourados.

Esta pesquisa de iniciação científica é financiada pela FAPESP sob N° de Processo 2011/01888-0, e se insere dentro de uma pesquisa maior intitulada "As formas de acampamento" (Processo N° 2010/02331-6) coordenada pela Profª. Dra. Nashieli Rangel Loera (CERES/IFCH/Unicamp) com financiamento da FAPESP.